

**LIBERTADORES, LIBERTICIDAS:  
DEBATES SOBRE A LIBERDADE EM *O IMPARCIAL***

Joelma Jesus Oliveira (UNEB)

[joba38@hotmail.com](mailto:joba38@hotmail.com)

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)

[conceicaoreis@ig.com.br](mailto:conceicaoreis@ig.com.br)

**1. Introdução**

A ramificação desse trabalho vem da amostra selecionada do projeto de pesquisa “Edição e estudos de textos literários e não literários publicados em periódicos”, idealizado e coordenado pela professora doutora Maria Conceição Reis Teixeira, desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia, cujo objetivo fim é constituir um *corpus* significativo dos textos literários e não literários passíveis de leitura, veiculados nos periódicos baianos de fins do século XIX e início do século XX, e aplicar-lhes o tratamento filológico.

O recorte aqui focado incide sobre o subprojeto “Edição e estudos dos textos publicados em *O Imparcial*, em 1918” que objetiva preparar uma edição interpretativa a todos os textos resgatados e estudá-los enquanto entidade responsável pela captura da mentalidade da época em que foram produzidos, sobretudo, porque, conforme Teixeira (2011) ressalta, é:

Através do trabalho de resgate da obra e da recuperação do texto, o filólogo estará contribuindo para a compreensão do período em que os textos foram lavrados e, por conseguinte, para desvendar alguns aspectos da história socio-política, cultural, literária e linguística de uma sociedade. (TEIXEIRA, 2011, p. 846).

Erich Auerbach (1972) em *Introdução aos Estudos Literários* menciona que “A filologia é o conjunto de atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. (AUERBACH, 1972, p. 11). Assim, os caminhos da filologia possibilitam descobrir histórias que não foram contadas, tentar interpretar os fatos contextualizando-os, buscar chegar mais perto das verdades históricas, conhecer personalidades que deixaram registrado seu legado às gerações futuras e de aproximar-se da realidade e da cultura de sociedades passadas por meio de seu patrimônio escritural. “[...] através do estudo linguístico ou da crítica textual, que é possível o homem contemporâneo compreender e explicar as sociedades antigas.” (TEIXEIRA, 2008).

No presente texto, objetivamos destacar alguns aspectos que ecoaram 30 anos após o abolicionismo, a partir da leitura interpretativa do texto “Libertadores, Liberticidas”, veiculado em 13 de maio de 1918 em *O Imparcial*. O assunto tematizado no texto em questão, apesar dos séculos que o separa do contexto de sua produção, é atual na interpretação do nosso cotidiano, especialmente considerando o período transitório entre regimes tão díspares como monarquia e república, que inferiu decisivamente nos registros escritos da sociedade, como acontece reiteradamente na civilização ocidental.

## **2. *O imparcial: um periódico conservador***

*O Imparcial*, periódico diário, fundado por José Gabriel de Lemos Britto (1886-1963), advogado, jornalista, diplomado em direito pela Faculdade da Bahia (1907), parlamentar, orador, poeta, teatrólogo, romancista, sociólogo, historiador, criminologista e escritor baiano, circulou em Salvador – BA, entre 04 de maio de 1918 até maio de 1947.

Durante os vinte e nove anos de sua existência, mudou de direção e de orientação política diversas vezes. Surgiu como veículo midiático dos conservadores na Bahia – intenção expressa no cabeçalho das muitas edições iniciais – e destinado a apoiar a candidatura de Ruy Barbosa à presidência da república estimulada pelo relativo sucesso da Conferência de Haia e apoiado nas laborais contribuições de José Gabriel de Lemos Britto, decididamente um conservador militante e atuante, naqueles tempos de transição e efervescência política.

*O Imparcial* ficou sob a direção de Lemos Britto por poucos anos, já que este se mudou para o Rio de Janeiro. Sucedeu-lhe Homero Pires, segundo Aloiso de Carvalho Filho, em *Apontamentos para a História da Imprensa da Bahia*. Seguiram-se a estes Manoel Vaz, Mario Monteiro, V. Hugo Aranha. A linha editorial passa a se comprometer com o integralismo nacional de Plínio Salgado. Segundo Ferreira (2009), após essa fase, alinhou-se à violenta reação anti-integralista. Franklin Lins de Albuquerque adquire o jornal em 1934, passando o comando à Wilson Lins. (CURVELLO, 1987, p.1). Findada a segunda guerra mundial e a ditadura de Getúlio Vargas, em 1945, *O Imparcial* inicia-se como o paladino do combate aos comunistas. Dois anos depois, vítima de dificuldades financeiras, exatamente em maio de 1947 deixa de circular.

Inicialmente seu corpo de paginação apresentava uma diagramação de até sete colunas distribuídas entre quatro ou seis páginas. A quantidade de páginas não guardava regularidade, portanto. Havia dias em que saía da redação com quatro páginas e outros com seis, sendo essa última configuração a mais constante.

Na primeira página eram veiculadas sempre notícias nacionais e internacionais impactantes no alinhamento político e financeiro do *establishment* nacional, concernentes à religião, comportamento social e econômico, política internacional, guerras, etc. Abordava assuntos variados, mas mantinha algumas seções fixas sob os títulos: “Informações rápidas” que era subdividida em “várias” preenchida com textos diversos com ou sem autoria; “Reportagens minuciosas”, sob o subtítulo “O Imparcial Mundano” dividida em: “Traços” tendo como colunistas Stela Souza, Bento Junior e Carmem Lígia, aniversários, viajantes, falecimentos, teatros, aviso, manifestações, passeio de recreio; “Procuras e ofertas”; “Telegramas”; “As nações em guerra”; “Informações comerciais”; “Última Hora”. Nessa última seção posicionava-se notícias ocorridas entre dezesseis horas até duas horas da manhã, e muitos anúncios publicitários distribuídos entre suas páginas.

### **3. *Libertadores, Liberticidas: edição interpretativa***

Conforme dito anteriormente, o recorte aqui focado incide sobre o subprojeto de pesquisa intitulado “Edição e estudos dos textos publicados em *O Imparcial*, em 1918”. Do trabalho de resgate de textos veiculados no periódico em questão foram editados setenta e oito textos, sendo quinze textos literários e sessenta e três textos não literários. Entre os primeiros figuram poemas como: “Aos Marinheiros que partem” de Raymundo de Souza Brito, “Brazil” de Hildebrando Passos, “A Emilio de Menezes” de Paulo Alberto, “O Gênio Vingador” de Galdino Castro, “Viva o Brazil” de Joaquim Gonçalves, “Ode ao Sol” de Paulo Alberto, “A Bandeira” de Paulo Alberto, “Musa hespanhola” de Ramiro Lneiro Rey. Entre os segundos destacamos aqui notícias, comunicados, artigos de opinião, comentários sobre a língua portuguesa.

Com o objetivo de preservar o documento e evitar o contato prolongado com o suporte o que poderia contribuir ainda mais para a sua degradação, realizamos a captura dos textos via fotografia digital. Para tanto, recorreremos ao auxílio de uma máquina fotográfica digital da marca Samsung 14.2 megapixels. Após captura das imagens, todo o material

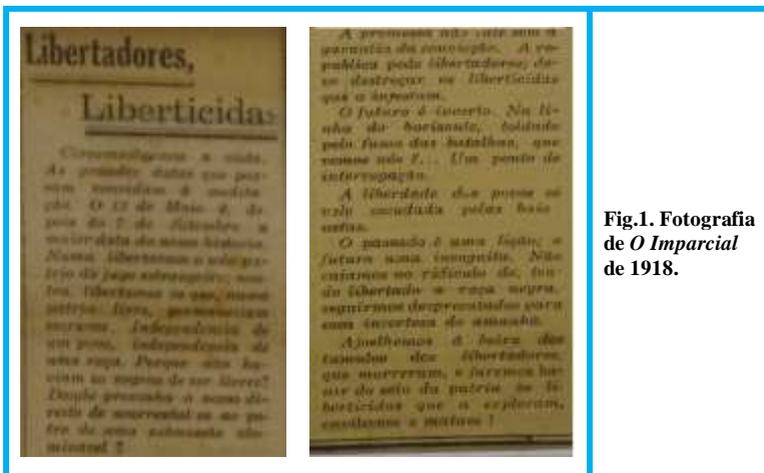
coletado foi transferido para o computador de onde colhemos todas as informações para a descrição do material coletado e realizamos a leitura e a transcrição linha por linha.

Para o momento, selecionamos o texto “Libertadores, Liberticidas” com o propósito de exemplificar o trabalho filológico que desenvolvemos com acervos documentais, especialmente com os periódicos raros que se encontram na Coleção Periódicos Raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, situada no bairro dos Barris, em Salvador.

Na leitura aqui apresentada, adotamos uma postura conservadora, transcrevendo fielmente o texto conforme figura no “original”, no que diz respeito à sua grafia, sistema de pontuação e segmentação em parágrafos. Procedemos a emendadas, com o auxílio de colchetes, das passagens que apresentavam lacunas da mancha escrita, mas que o contexto permitia.

### 3.1. Descrição do texto

“Libertadores, Liberticidas”, texto sem autoria, apresenta-se em versão única, construído por onze parágrafos e perfazendo um total de oitenta e quatro linhas. Publicado em 13 de maio de 1918, na 2ª página, na seção de “Informações rápidas”, ocupando a 2ª coluna por inteiro. O suporte apresenta pequenas manchas amareladas, revelando a ação do tempo e o seu estado de conservação.



**Fig.1. Fotografia de O Imparcial de 1918.**

### 3.2. Transcrição do texto

#### **Libertadores, Liberticidas**

Circumvolvamos a vista.

As grandes datas que passam convidam á meditação. O 13 de Maio é, depois do 7 de Setembro a maior data da nossa historia. Numa libertaram o solo patrio do jugo estrangeiro; noutra libertamos os que, numa patria livre, permaneciam escravos. Independencia de um povo, independencia de uma raça. Porque não haviam os negros de ser livres? Donde provinha o nosso direito de acorrental-os ao potro de uma submissão abominavel?

O 13 de Maio chamou-os ao ragaço da nação. As duas datas completam-se. Uma pátria soberana, gloriosa e ufana da sua actuação no mundo, devia sentir-se diminuida, subjugando infelizes sem defesa.

Ainda bem que apagamos a nodoa da nossa historia: os que tal obra apprehenderam são, por isso, benemeritos de verdade.

Os libertadores sempre participaram dos heróes e dos santos, os liberticidas é que participaram dos reprobos. Libertar é approximar o homem de Deus, a creatura do Creator; o liberticidio é o arruinamento da liberdade, a morte dos principios que constituem a essencia da alma e do direito.

Andam os liberticidas emparelhados com os libertadores; falam aquelles a linguagem destes: só no fundo das consciencias duns e doutr[o]s é que se ha de encontrar [o] signal que os differencia. Nuns, a palavra é de mel, e a alma de carvão, noutros, a palavra é muita vez rude, mas a consciencia tem as l[u]zes de uma aurora polar.

Povos do terra, experientes ou iniciados velhos ou juvenis, attentae no homem que fala antes de ouvirdes o que elle falando está.

A promessa não vale sem a garantia da convicção. A republica pede libertadores; deve destroçar os liberticidas que a infestam.

O futuro é incerto. Na linha do horizonte, toldado pelo fumo das batalhas que vemos nós? ... Um ponto de interrogação.

A liberdade d[o]s povos só vale escudada pelas baionetas.

O passado é uma lição; o futuro uma incognita. Não caímos no ridículo de, tendo libertado a raça negra, seguirmos desprezados para essa incertesa do amanhã.

Ajoelhemos á beira dos tumulos dos libertadores, que morreram, e juremos banir do seio da pátria os liberticidas que a exploram, envilecem e matam!

#### 4. “*Liberdade*”, “*libertadores e liberticidas*”: uma leitura da abolição

Decorridos trinta anos do 13 de maio de 1888, data importante depois do 07 de setembro de 1822, os humores e a consciência nacional ainda se debatiam entre total indiferença de uns e a faina laboriosa de outros. A maioria, mergulhada na ignorância resultante da falta de um sistema educacional voltada para a educação popular e lutando para ser inserida, a despeito da falta de qualificação, no incipiente mercado que ora conclamava tudo e todos ao consumo. Entretanto, a parcela da sociedade estabelecida no poder estava bem vigilante e ciosa da necessidade de criar elementos que assegurassem e perpetuassem essa condição. Assim, a construção de mitos sociais e heróis nacionais foram utilizados em busca desses objetivos e a imprensa escrita utilizava largamente de textos com conteúdos ufanistas e nacionalistas publicados sem qualquer compromisso com a verdade histórica e científica. Nesse contexto, está *O Imparcial* periódico baiano editado em 1918.

O texto veiculado em *O Imparcial* do dia 13 de maio de 1918, “*Libertadores, Liberticidas*”, é emblemático. É um documento revelador da visão da sociedade da época sobre o que significou a escravidão e principalmente representou a abolição na Bahia durante a primeira década do século XX. No primeiro parágrafo, a data da assinatura da Lei Áurea é comparada ao sete de setembro nos seguintes termos:

[...] a maior data de nossa historia. Numa libertaram o solo patrio do jugo estrangeiro; noutra, libertamos os que, numa patria livre, permaneciam escravos. Independencia de um povo, independencia de uma raça. Porque não havia os negros de ser livres? Donde provinha o nosso direito de acorrental-os ao potro de uma submissão abominavel? (*O IMPARCIAL*, n. 10, 13/05/1918, p. 2).

Não se pode perder de vista que consequências devastadoras ocorreram após a Abolição, apesar de muitas festas e satisfação pública. O articulista de *O Imparcial* parece desconhecer o que de fato foi e representou a abolição para aqueles que de fato viveram e sentiram na pele a escravidão.

Mattoso (2001), por exemplo, afirma que “A abolição não forneceu qualquer garantia de segurança econômica, nenhuma assistência especial a esses milhares de escravos libertos” (MATTOSO, 2001, p.239), devido aos múltiplos interesses, especialmente subserviências e especulações diante dos escravos que não tinham autonomia e de uma sociedade detentora de pensamento radicalista e mantedor de suas tradições conservadoras, patriarcais, oligárquicas e agrícolas. Fraga Filho (2006) opina que:

[...] a abolição representou muito mais que a perda dos braços escravos; ela havia destruído um estilo de vida fundado em padrões e etiquetas de mando e obediência. E, mais que isso, havia perigosamente ameaçado inverter os “lugares” tradicionalmente ocupados pelos indivíduos na hierarquia social. (FRAGA FILHO, 2006, p. 134).

A antiga organização política e social teria que ser repensada, tanto para os senhores como para os escravos. Aos primeiros era oferecida a possibilidade, quase sempre indesejada de se posicionar politicamente. Partidos, associações e agremiações começaram a fazer parte de seus cotidianos. Para os segundos, a incerteza, a dúvida, a incógnita. Por isso, Mattoso (2001) afirma que nesse ínterim:

Começa [...] uma vida de errância e sofrimento. Feitor já não há para alimentá-los, nem senhor para tratá-los e vesti-los. Nos primeiros dias, os libertos da ilha lhes dão de comer. Gradualmente, porém, eles são forçados a dispersar-se. Muitos atravessam a baía, refugiam-se na grande cidade, acrescentam-se a uma população marginal que tem todas as dificuldades do mundo para arranjar trabalho. (MATTOSO, 2001, p. 239).

Muitos escravos que tinham ofício seguiram seu caminho, mas, outros ficaram com seus patrões trabalhando e tendo como troca comida e moradia, perpetuando a condição de subserviência e dependência inicial.

O texto em análise considera e parece querer que o leitor acredite que o fato ocorrido em sete de setembro de 1822 foi à vontade soberana de um povo, organizado e eletrizado em torno do sentimento de libertação urgente do domínio português, e anos após, levados por esses mesmos nobres sentimentos, os dirigentes da nação resolveram “libertar” os

africanos escravizados. Essa declaração está carregada de argumentos que tentam sustentar o fato criado pela classe dirigente de então, buscando legitimar e dar aparência de verdade a fatos resultantes de acordos e negociatas entre estas embrionárias elites econômicas e o poder, irremediavelmente comprometidos com o capital inglês. A linguagem utilizada objetiva mexer e estimular a consciência cível, direcionando e manipulando a opinião pública para dela se nutrir e se preservar numa aura de compromisso humano e social no âmago de uma nação ainda em gestação.

No segundo parágrafo, prossegue com a mesma linguagem empolada e ainda mais paternalista e ufanista:

O 13 de maio chamou-os ao ragaço da nação. As duas datas completam-se. Uma pátria soberana, gloriosa e ufana da sua atuação no mundo, devia sentir-se diminuída subjugando infelizes sem defesa. (O IMPARCIAL, n. 10, 13/05/1918, p. 2).

“Ainda bem que apagamos a nódoa de nossa história: os que tal obra emprenderam são, por isso, beneméritos de verdade.” Assim, o articulista considera, que com o ato do 13 de maio, a nação reconheceu a ignomínia da escravidão negra, reparou seu erro, purgou-se de todo sentimento de repúdio e remorso e eliminou as “nódoas” das páginas da sua história. Ainda, segundo a orientação conservadora de *O Imparcial*, pagaram-se todas as dívidas com o povo negro. Estávamos totalmente livres dos jugos estrangeiros, livres da ação extrativista e exploradora de Portugal e da garra financeira da Inglaterra.

O texto é rico em contradições. Em outro parágrafo afirma que “A liberdade de um povo só vale escudada pelas baionetas!” Buscar na história uma batalha cuja motivação foi à liberdade dos africanos aqui feitos de escravos, é no mínimo, uma tarefa árdua, quase impossível, assim acontecendo no que diz respeito a independência do Brasil.

## 5. *Considerações finais*

Desde o aparecimento da imprensa e a consolidação dos periódicos como veículo de informação cotidiana para a população letrada, percebe-se a importância dessa ferramenta na formação de opinião das sociedades que, via de regra, utilizavam-nas para formar juízo de valor. Em diversas oportunidades, a história testemunhou este fato, com grupos pertencentes a segmentos econômicos e políticos, geralmente ligados à elite

social, se apoderando de determinado jornal e inferindo nos destinos políticos e sociais de uma cidade, estado ou até nação.

*O Imparcial*, apesar de ter sido fundado trinta anos após a abolição, demonstra, através da sua linha editorial, servir a interesses diversos na linha de sua existência, por vezes transmutando fatos e realidades relativos a esse acontecimento e à independência do Brasil. A tarefa do filólogo é resgatar, editar, disponibilizar os textos produzidos, e assim contribuir para a elucidação dos humores de uma época reconhecidamente de transição.

O resgate desses textos possibilitará aos estudiosos da área das letras, especialmente aquele relativo aos estudos das linguagens, discurso e sociedade e o leitor comum terem acesso a textos recuperados como documento de uma ideologia enquanto produto social e cultural de uma época.

Fazendo canhestamente uma analogia entre dois vocábulos derivados de “liberdade”, *O Imparcial* revelou-se mais que parcial, e prisioneiro das convicções e hábitos de poder dos conservadores, sempre manipulando e subvertendo fatos históricos, oferecendo versões viciadas ao público leitor na tentativa de preservar o *status quo* que interessava a esta corrente política responsável pela sua fundação e manutenção. Esses dois fatos históricos, independência e abolição, com a contribuição desvirtuada de periódicos como este, passaram para a história oficial e para o ideário popular quase sempre bastante afastados dos reais motivos e acontecimentos que resultaram neles.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad.: José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

CURVELLO, André. *O Imparcial: biografia de um jornal*. *A Tarde*, Salvador. 30 nov. 1987. Caderno 2. p. 1.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial: 1933-1937*. Salvador: Edufba, 2009.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas: UNICAMP, 2006.

LEMOS BRITTO, José Gabriel de. *Obras completas*. Assistência a menores, direito penal, ciência e prática penitenciárias, v. I, 1959.

LIBERTADORES, Liberticidas. *O Imparcial*. Salvador – BA, ano I, n. 10, p. 2. 13 maio 1918.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

TAVARES, Luiz Guilherme Pontes (Org.) *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 2. ed. rev. e ampl. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. A filologia textual: O revelar de aspectos da história. *Cadernos do CNLF*, v. XII, n. 8. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008, p. 17-26.

\_\_\_\_\_. Conservação e preservação dos acervos documentais baianos. *Cadernos de CNLF*, v. 14, n. 4. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2010, p. 800-814.

\_\_\_\_\_. O trabalho da filologia textual: descortinando alguns aspectos do movimento abolicionista na Bahia. *Cadernos do CNLF*, v. 15, n. 5. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 846-853.